



Sílvia Sousa

[silvia.fausto.sousa@gmail.com](mailto:silvia.fausto.sousa@gmail.com)

Trabalho realizado no âmbito da Bolsa de Integração na Investigação Científica e Desenvolvimento do Instituto Politécnico do Porto - Banco Santander Totta

Centro de Estudos Interculturais  
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

## **China e Japão - uma análise intercultural contemporânea**

### **Sinopse**

Ao longo dos séculos, a China e o Japão foram criando histórias, representações, discursos e identidades que certas vezes se cruzaram e outras vezes se afastaram. Este trabalho é uma reflexão sobre cultura e interculturalidade, porque está relacionado com a produção e a circulação de significados (Hall, 1997:2), numa análise da identidade e da representação da China e do Japão e também das representações que estes dois países têm um do outro. Esta análise integra factos que vão desde a 1ª Guerra Mundial até à actualidade, tornando este estudo contemporâneo. Ao longo do meu trabalho, quando falo em representação, refiro-me à forma como o mundo é socialmente construído e representado por nós e para nós (Chris Barker 2000:8).

### **Identidade Japonesa**

A identidade japonesa e os seus valores morais têm-se mantido coesos ao longo da sua história, muito devido ao facto de a imigração ser quase que desconhecida no Japão até recentemente. Para traçar a identidade japonesa de forma fiel, nada melhor seria do que por observação directa, mas não sendo essa opção viável recorri a todas as fontes a que tive acesso. A pesquisa não foi fácil e percebi que existe muita informação que não é dada a conhecer aos ocidentais. Num livro de Catherine Clément podemos ver que já Claude Lévi-Strauss reflectia sobre este certo secretismo:



“Impressionante capacidade para passar alternadamente de uma atitude para a outra: por vezes, aberta à influência exterior para melhor observá-la; outras, fechada sobre si mesma.” (Clément, 2004:46)

A forma mais prática para tentar entender esta sociedade é através da interpretação de algumas circunstâncias e discursos e do seu rasto histórico. Vou abordar questões de género e de raça e analisar os acontecimentos históricos que considero mais importantes para este estudo. É importante esclarecer que ao longo deste trabalho quando emprego o termo “discurso”, refiro-me à narrativa como forma de poder.

Relativamente a questões de género, o Japão tem acompanhado a evolução que ocorre na maioria dos países desenvolvidos. Há um ditado japonês que ressalta a importância da mulher como um dos seus maiores orgulhos, apesar de a mulher japonesa ter sido tratada de modo inferior durante muitos anos: “Ter o melhor de todos os mundos é ter uma casa americana, comer comida chinesa e ter uma mulher japonesa”. A educação no Japão foi igualmente, até um pouco antes da 2ª Guerra Mundial, condicionada pelo género. As mulheres tinham um papel muito mais doméstico, sendo-lhes incumbidas as tarefas de cuidar da casa e da família. Em 1925, a taxa de fertilidade era de 5.1 crianças por mulher, mas actualmente tudo isto está a mudar. O Japão foi sempre mais susceptível à ocidentalização que os seus vizinhos asiáticos e, tal como as mulheres ocidentais, as mulheres japonesas tendem, agora, a adiar o casamento. A taxa de fertilidade foi, em 1991, de 1,5 crianças por mulher. Estas mudanças são muito significativas para a tradição e a identidade japonesas. A família passa a ser constituída apenas por um homem, uma mulher e um ou dois filhos, algo muito diferente da realidade milenar deste país, que era caracterizada por famílias compostas por várias gerações.

O racismo existe no Japão e a sua forma mais comum manifesta-se contra as pessoas de raça negra. Contudo, é também necessário analisar a situação antes de qualificar os japoneses como “racistas”. O contacto que tiveram com pessoas negras, foi condicionado pelas pessoas brancas e pelo discurso ocidental. Por exemplo, o livro *It's Only a Joke- An anthology introducing Japanese to American humor* (1984), de Dave Spector, foi uma forma de proliferação das ideias racistas ocidentais no Japão. Neste livro podemos encontrar a anedota “why don't black mothers let their children play in the sandbox? Because the cats keep covering them up” que é um dos melhores



exemplos para demonstrar o tipo de valores negativos que foram de certa forma “ensinados” aos japoneses. Estes valores enraizaram-se na cultura popular e vieram originar alguns provérbios racistas como: “A pele branca compensa muitas deficiências, no arroz e na mulher, quanto mais branco melhor” (iro no shiroi wa shichinan kakusu, kome no meshi to onma wa shiroi hodo yoi) (George Marcus 1992: 298).

As representações que os artistas e escritores japoneses faziam da raça negra tendem a ser negativas e condescendentes<sup>1</sup>— como por exemplo os lábios exageradamente grandes e os olhos arregalados — contudo os japoneses não as viam dessa forma. Isso reflete um pouco da ambiguidade racial japonesa, que actualmente tem vindo a mudar insistindo inclusive em apagar do seu passado algumas das imagens outrora caracterizadoras de um povo japonês racista.

Saussure, linguista suíço, trouxe-nos, entre muitas outras coisas, a relação entre a ideia abstracta e o conceito; o significante e o significado. Para conseguirmos interpretar o mundo à nossa volta precisamos de significados para que as coisas tenham sentido para nós. E nós chegámos a estes conceitos através de um processo de categorização e classificação. Esta é uma forma de representação. Enquanto que o Japão pode ser caracterizado por ter um forte sentido de nação, é importante aprofundar este conceito porque este sentido de nação é diferente daquele a que o ocidente está habituado. Para percebermos o sentido de nação japonesa precisamos de analisar muito bem o seu rasto histórico. Relativamente aos acontecimentos históricos, se há acontecimentos que marcam o Japão e começaram a traçar as suas representações nos outros países foram as guerras em que esteve envolvido.

O objectivo japonês foi desde sempre a expansão. A China sofreu sempre com este objectivo porque durante muitos anos o Japão teve vergonha de ser o “discípulo” daquele país. A Rússia mostrava-se descontente com este objectivo e deu-se a guerra Russo-Japonesa no início do século XX, em que o Japão se mostrou muito orgulhoso de ser o primeiro país a derrotar um império “branco”. Já em 1937, os Estados Unidos mostraram o seu desagrado pelos actos japoneses de ataque à China, muito devido ao interesse que desenvolveram naquele país. Ao mesmo tempo que politicamente se mantinham aparências e tentativas de acordo, o Japão preparava-se para o plano B e acabou por atacar Pearl Harbor. Foi este ataque que fez com que os Estados Unidos entrassem na Segunda Guerra Mundial. Numa guerra há sempre perdas— numa guerra mundial ainda mais— mas penso que nunca antes foram vistos efeitos tão nefastos, tanta perda e sofrimento como na derrota japonesa na Segunda Guerra mundial. As



bombas atômicas que atingiram Hiroshima e Nagasaki são consideradas por muitos como o pior acto contra a humanidade alguma vez cometido. Depois de mais de meio século, o Japão ainda paga as consequências dos seus actos. Os sobreviventes das bombas atômicas são chamados de *hibakusha* que, traduzido à letra, significa “sobrevivente da bomba”. Os sobreviventes tiveram de sofrer o isolamento e a marginalização e muitas vezes a piedade dos demais. Enquanto que nos livros de história são chamados de *hibakusha*, na cultura popular são chamados de “pobres larvas humanas”<sup>2</sup>.

“... A partir daquele dia [a sociedade] passou a olhar para mim com desagrado: era um resto da bomba atômica, um órfão da derrota Os 200 000 que morreram em Hiroxima e Nagasáqui no momento da explosão não foram os mais desgraçados. Foram logo para o paraíso”.<sup>3</sup> (Rampini, Federico 2005: 303)

Depois da bomba atômica, as feridas dos *hibakusha* prenderam o Japão às suas culpas, recordando indirectamente outras atrocidades, tais como todo o mal infligido pelas tropas nipónicas. É aqui que o sentido de nação tão forte do Japão difere do nosso conceito ocidental, porque não inclui estes japoneses que, filhos ou netos de pessoas que sobreviveram aos ataques, continuam a sofrer. Em Tóquio, a cada 15 de Agosto ao meio-dia, o imperador lembra a data da rendição. Neste dia faz-se uma declaração à televisão e à rádio e depois é feito um minuto de silêncio. Há discursos em que a vitória dos Estados Unidos contra o Japão quase desapareceu. Segundo a historiadora Haruko Taya “a cerimónia nunca foi usada para discutir as razões da guerra, as suas origens, os seus custos, as suas consequências. Este facto não é estranho a ninguém”. Várias foram as vítimas que pediram indemnizações de guerra, mas foram sempre recusadas porque concedê-las seria o mesmo que admitir que o Japão errou. Pode inclusive ler-se no longo memorando dos advogados a seguinte passagem:

“Seria um erro julgar o passado baseando-nos nas crenças comuns de hoje. Não diz respeito a este Tribunal julgar se foi uma guerra de agressão ou não. Conceder indemnizações iria trazer consequências que perdurariam durante os próximos cinquenta ou cem anos.



Exagerando nas responsabilidades, acabar-se-ia por carregar as futuras gerações japonesas com um peso de culpabilidade errado”.

Para além de percebermos o que realmente significa a nação para os japoneses, é possível reconhecer uma certa superioridade dos mesmos. No final da 2ª Guerra mundial, o Imperador Hirohito foi reduzido a uma função meramente cerimonial, mas aos olhos dos japoneses o imperador tinha uma tal importância simbólica que aquela escolha equivaleu a uma absolvição implícita do passado, em vez de uma punição política.

Em suma, podemos concluir que o Japão, apesar de se manter fiel às suas tradições, foi uma sociedade que se adaptou ao Ocidente e tem acompanhado a sua evolução a nível económico e social. A nível político, restam muitas marcas deixadas pela História e pelo próprio pensamento de superioridade que o Japão sempre manifestou, que impedem que sejam reconhecidas graves falhas sociais, como por exemplo a situação dos *hibakusha*. Sendo este um artigo comparativo, de seguida vou analisar a China sobre os mesmos parâmetros que usei para o Japão.

### **Identidade Chinesa**

A primeira personalidade que marca a história chinesa no seu código de conduta moral é o Imperador Shun. Os valores éticos que instituiu ao povo chinês estão relacionados essencialmente com a família, valores esses que ainda vigoram actualmente. Na ideologia do Taoísmo existem os símbolos de *Yin* e *Yang*. *Yin* significa o princípio da mulher e *Yang* o do homem. Podemos ver que no símbolo são simétricos—têm direitos iguais—mas na cultura tradicional a família vem primeiro do que o indivíduo, os homens são mais valorizados do que as mulheres e existe o respeito pelos mais velhos. A questão da desigualdade de género perdura na China, mas já foram feitos alguns avanços para a igualdade. Contudo, ainda existem muitos traços confucionistas que persistem na actualidade (Wang, 1996 in Jandt, Fred Edmund 2007: 246<sup>4</sup>). De facto, o confucionismo foi a religião oficial da China por dois mil anos e é impossível apagar em dois ou três séculos uma influência que se integrou na sociedade e na identidade de um país por tanto tempo. Curiosamente, foi o estado que iniciou o processo de mudança no papel da mulher para uma maior igualdade. Pode-se ler na Constituição Chinesa que “As mulheres usufruem direitos iguais aos homens em todos



os aspectos, incluindo na política, na economia, na cultura, na sociedade e na família”. Actualmente, globalmente falando, a China tem a 12ª maior participação feminina na política.

A China é o único país do mundo a ter a lei do filho único. Por outras palavras, um casal pode apenas ter um filho. Esta medida, implementada em 1970, gerou muitas controvérsias para além da própria lei ter ambiguidades. Devido à grande taxa de natalidade o governo teve de tomar medidas para impedir a população de se reproduzir desmedidamente. A medida pode ter sido cruel, mas foi eficaz—estima-se que se tenha prevenido cerca de 400 milhões de nascimentos. No passado dia 2 de Março de 2012, assisti ao VII Fórum de Sinologia que decorreu no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto e, no final da conferência da Profª Elena Bazhenova<sup>5</sup>, perguntei-lhe o que ela achava que aconteceria se não houvesse este controlo. A sua resposta foi imediata: se este controlo, odiado por muitos, não estivesse em vigor, acarretaria consequências graves não só para a China mas para o resto do mundo. O território chinês deixaria de ser suficiente para conseguir manter os chineses nos seus limites administrativos e proporcionar-lhes condições e serviços de saúde e educação de qualidade. Agora, num momento de reflexão, se a França já insiste em impedir a entrada de mais imigrantes na situação actual, o que aconteceria com os chineses a reproduzir-se da sua forma tradicional, com 4 a 5 filhos por casal?

Esta medida contudo traz vários outros problemas consigo. Os casais que têm mais do que um filho são sujeitos a pesadas coimas e portanto evitam-no. Não obstante, isso não significa que as mulheres deixam de engravidar e por isso recorrem muitas vezes ao aborto. O aborto em si traz outro problema: a questão de género. A maioria dos abortos são meninas, devido ao facto de na China ter um filho rapaz ser motivo de orgulho<sup>6</sup>. Por sua vez, esta selecção faz com que exista uma diferença significativa de género: na China, em 1999, havia apenas 100 raparigas para 117 rapazes. Tal como no Japão, a família chinesa sofreu grandes alterações. A família consiste em avós, pais e criança. Existirão 4 avós para mimar uma única criança (agora também conhecida como “pequeno imperador”) e a população idosa já não pode contar com uma grande família para a apoiar. Esta lei, tal como já referi, trouxe algumas ambiguidades e no mundo rural é normal terem mais do que um filho, especialmente se o primeiro filho do casal tiver sido uma menina. Esta política começou a suavizar em 2006 e desde então têm sido frequentes os debates sobre esta matéria.



Os chineses enfrentam também algumas questões sociais que os definem. São incapazes de aceitar que as pessoas não chinesas que vivem na China se integrem na sua sociedade e não suportam a possibilidade de ver a sua raça misturada com outras, especialmente com pessoas negras. A xenofobia e o racismo são característicos da identidade deste povo. Também para traçar a identidade e representações na China precisamos de recorrer aos factos históricos, mais comumente às guerras.

A China foi um país com uma história de invasão extensa. Durante anos, a China viu o seu território ser invadido tanto pelos seus vizinhos asiáticos —o Japão — como pelos ocidentais— os ingleses, por exemplo — por isso é, de certa forma, comum para os autores chineses referirem-se aos seus vizinhos asiáticos ou aos ocidentais como “bárbaros”.

O período histórico mais marcante para a China, e onde se pode começar a traçar a sua identidade e representações actuais, começa com as guerras do ópio. Estas duas guerras foram conflitos criados entre a China e a Grã-Bretanha nos anos 1839-1842 e 1856-1860. A China perdeu ambas as guerras e as consequências foram muito pesadas. Foi assinado o “Tratado de Nanking” (um dos chamados “Tratados Desiguais”) em que a China se comprometeu a abrir cinco portos para o comércio britânico, ao pagamento de uma pesada indemnização e à cedência da ilha de Hong Kong. Foi ainda assinado o Tratado de Tientsin, em que a China concordou, com grande relutância, em abrir mais onze portos ao comércio ocidental.

A primeira guerra Sino-Japonesa ocorreu entre 1894-1895 e teve como principal motivo a disputa pela posse da Coreia. O Japão ganhou a guerra, principalmente devido à modernização e industrialização e à superioridade da tática japonesa, resultante da adopção do estilo militar ocidental. Os japoneses voltam a brilhar aos olhos do mundo e a China volta a sofrer mais uma pesada derrota. A segunda guerra Sino-Japonesa volta a acontecer entre a China e o Japão entre 1937 e 1945. O motivo volta a ser o desejo de anexação de territórios por parte dos japoneses, que aproveitaram a situação de decadência e a falta de ordem na China para porem em prática os seus planos. Em 1937 dá-se o massacre de Nanking. Até chegarem a Nanking, os japoneses deixaram um rasto de destruição que, contudo, nada se compara com a cruel carnificina que aconteceu na antiga capital. Depois de perceberem que mais nada podia ser feito por Shangai, o exército chinês rumou para Nanking e tomou várias medidas de protecção que, mais tarde, se revelaram inúteis. Estima-se que tenham morrido cerca de 200.000 chineses, número que pode parecer exagerado, mas facto é que os funcionários responsáveis pelos

enterros contaram 155.000 corpos e não estavam a incluir os que morreram queimados. Ao tomar a cidade, os japoneses prometeram às pessoas que se estas se rendessem não morreriam mas, quando as pessoas se rendiam, os japoneses matavam-nas sem qualquer hesitação. Além destas palavras vazias, as mulheres foram tratadas de uma forma atroz: foram violadas repetidamente, e por vezes em grupo, e só depois foram assassinadas; as menos afortunadas eram mutiladas e sofriam mortes lentas. Os homens foram assassinados a sangue frio.

É curioso analisar a representação que é feita ao longo do período histórico das principais guerras, porque ao ser-se identificado como “bárbaro” está-se a ser comparado a algo que é oposto a “pacífico” e “simpático”. Existe uma marca de diferença. A China viveu muito destas representações, e não eram só os ocidentais ou os japoneses que tinham o rótulo de “bárbaros”, também os próprios chineses, que não fossem verdadeiros Hans, eram assim rotulados. Contudo, com a criação da República Popular da China (PR), aqueles passaram a ser designados como “minorias nacionais”. Apenas os pan-Han<sup>7</sup> eram “civilizados”, os outros chineses eram tidos como cognitivamente não muito brilhantes<sup>8</sup>. Ainda actualmente os emigrantes são representados de forma diferente, sendo considerados pseudo-chineses. A diáspora chinesa tem sido conhecida entre os próprios chineses como “emigrantes domésticos chineses”<sup>9</sup> na China Imperial e até como “chineses artificiais”<sup>10</sup> no Sião, actualmente conhecido como Tailândia.

As guerras tiveram resultados monstruosos na China que de todas elas saiu muito debilitada, principalmente durante o “Século da Humilhação”. “Século da Humilhação” foi o termo nascido no século XX, emergente de um novo tipo de literatura que narra os 100 anos de humilhações que a China viveu. Esta humilhação começa com as Guerras do Ópio, em que não só a China sai derrotada como é mostrada a grande dependência da China em relação a uma substância ilícita. Estas guerras foram apenas o início, pois nos anos que se seguiram, a China viu o seu país e nome serem destruídos pelo Japão, Rússia e América. Foram feitos imensos tratados em que a China teve de concordar com condições menos favoráveis e a ocupação durante a Segunda Guerra Mundial trouxe imensos problemas, incluindo psicológicos, para a população Chinesa. Foi também a partir deste “Século da Humilhação” que nasceu na China o conceito de humilhação nacional, agora tão célebre. E aqui começa a grande característica da China: o pessioptimismo<sup>11</sup>.



O presidente Chiang Kai-shek, que assumiu o poder em 1925, apelou para que a história da humilhação nacional faça parte da construção da identidade nacional na República da China<sup>12</sup> e, de facto, esta está muito presente na cultura popular. O Século da Humilhação é, de facto, um tema muito popular em óperas, como por exemplo “Nixon in China”, uma ópera de três actos conduzida pelo compositor John Adams; em vários filmes e documentários, como por exemplo “City of Life and Death” de Lu Chuan, “Nanking” de Bill Guttentag e Dan Sturman, “The Flowers of War” de Zhang Yimou e “Don’t Cry Nanking” de Wu Ziniu; em museus — o Museu da Guerra Anti-Japonesa do Povo Chinês exhibe no total 3800 fotos e documentos e 5 mil patrimónios históricos, além de, aproveitando tecnologias avançadas, simular campos e situações das principais batalhas; romances como “The 13 Women of Nanjing” de Yan Gelin e “The Devil of Nanking” de Mo Hayden; em selos comemorativos e vídeos do YouTube. É também muito comercializada, por exemplo, em baralhos de cartas, *posters*, maços de cigarros, etc.

Actualmente este ensino da humilhação nacional é visto como necessário, porque os mais novos devem sentir que a sua felicidade actual resulta de tempos de dificuldade. Só assim é que eles podem trabalhar arduamente para tentar compensar a terra-mãe.<sup>13</sup> Há um culto à personalidade de Mao Tsé-Tsung como figura de herói vitorioso contra a ocupação japonesa quando, na realidade, ele teve um papel marginal na guerra e até momentos colaboracionistas. O centro da narrativa assenta na filosofia que defende que “to know China is to love China, to desire China”<sup>14</sup>. Uma possível leitura desta filosofia é que se há algo que nos faz gostar menos da China então é porque não sabemos bem o que aconteceu. De acordo com um artigo de jornal chamado “How can we Conduct National Humiliation Education?”, podemos ver que a China justifica o facto de ter “ficado para trás” porque os ocidentais teriam obstruído o seu crescimento e defende que a corrupção que possa existir na China vem da ideologia capitalista exterior ao país. Estas razões começam a surgir de modo a que a China não seja responsabilizada, dando origem a uma nova narrativa.

Para perceber a identidade da China, temos de analisar também os seus sonhos e os seus pesadelos, o seu lado optimista e o seu sempre-presente pessimismo. Se para o mundo parecem conceitos opostos, para a China, orgulho e humilhação estão “interligados, separados apenas por uma linha fina e podem facilmente trocar de lugar”<sup>15</sup>. É conhecido o desejo centenário chinês de tornar a China reconhecida como um “grande poder” no panorama internacional. Mesmo que não se conheça este desejo,

não é difícil de o compreender depois de tanta humilhação. No ano de 2008 tiveram a sua oportunidade durante os Jogos Olímpicos. A sua preparação foi extensa e os esforços não se concentraram apenas numa boa apresentação que acomodasse os Jogos. As preparações para mostrar um lado positivo da China estenderam-se até ao último minuto: os músicos responsáveis pela percussão foram instruídos para sorrirem durante a sua actuação, as pessoas que actuavam perto de Lang Lang receberam ordens para alterar o seu vestuário do preto original para um verde ecológico e, sempre que a bandeira da China aparecia, foram feitos esforços para a associar com imagens bonitas e vozes doces de crianças. De acordo com o *2008 Pew Global Attitudes*, cerca de 86% dos participantes chineses acreditavam que o seu país estava no bom caminho. Mas depois da apresentação de uma China feliz nos jogos olímpicos de 2008, com os esforços surpreendentes acima referidos, o livro mais vendido — um verdadeiro best-seller — chamava-se “*Zhōngguóbùgāoxìng*”<sup>16</sup>. Enquanto se demonstrava optimista no inquérito, a China continua a ser um dos países com mais elevada taxa de suicídio.

Relativamente à diáspora Chinesa, já referi as representações adjacentes, mas segundo Myna German e Padmini Banerjee, a diáspora poderá estar no centro do desenvolvimento de uma nova identidade — o cosmopolitismo chinês. De acordo com as autoras, o facto de uma família estar espalhada pelo globo proporciona um contexto crucial para a emergência desta identidade, que segundo sugestão das autoras poderá ter o nome de *Zhonggen*. O argumento apresentado para a escolha deste termo foi pelos seus três significados que, de certa forma, dão uma sensação de continuidade. A palavra *Zhonggen* significa ‘multiplo’, ‘regenerativo’ e ‘preservar as diversas origens de alguém’. Independentemente das representações decorrentes da diáspora, quando questionados se se sentem chineses ou se sentem que têm outra nacionalidade, muitos chineses respondem que são “cidadãos do mundo”<sup>17</sup>.

Podemos, por fim, então concluir que a China, ao contrário do Japão, teve um percurso que não só traça a sua identidade mas que a condiciona. A China recusa-se a seguir em frente, talvez porque este pessioptimismo lhe é favorável. Actualmente os Ocidentais já não são os “bárbaros”, porque o lado económico da China fez questão de pacificar estas relações, mas ao mesmo tempo não tem qualquer problema em culpá-los por qualquer falha em termos de crescimento, seja este económico, político ou social. Depois de expostos estes factos há algo mais a ter em consideração. A História foi apenas uma, os factos reais foram igualmente únicos. Tendo isto em mente, é difícil compreender porque é que a relação entre estas duas sociedades milenares é tão



complexa. De seguida pretendo analisar a questão dos discursos e narrativas para tentar explicar as várias opiniões que existem dos factos da História e dos diferentes lados que são assumidos por todo o mundo.

### **Questão dos discursos**

Algumas verdades parecem-nos tão naturais que por vezes não reconhecemos a relação de poder que possuem. De acordo com Foucault, “conhecimento” e “verdades” são produzidos através dos discursos. Nos seus últimos trabalhos, Foucault deu cada vez mais importância à forma como o conhecimento funciona através das práticas discursivas para regular o comportamento dos outros:

“Power produces knowledge and not simply by encouraging it because it serves power or by applying it because it is useful; that power and knowledge directly imply one another; that there is no power relation without correlative constitution of a field of knowledge, nor any knowledge that does not presuppose and constitute at the same time power relations”. (Foucault, 1975: 27)

Estas constatações levaram Foucault a falar não de uma verdade universal mas de uma verdade condicionada pelo tempo, pelo contexto e outras variantes. Apesar dos factos parecerem inalteráveis, a forma como os contam abre muitas especulações nestes dois países. Por vezes, quando ouvido pelas duas partes, o mesmo acontecimento parece nem ser o mesmo, dando a ideia de se tratar de situações diferentes.

Existem manuais nas escolas que absolvem o Japão das culpas do seu passado, argumentando como tudo foi uma questão de defesa, contra-ataque ou ataque directo, ainda que com o propósito de impedir possíveis ataques ao país. É por narrativas como esta que a China não quer o Japão no Conselho de Segurança da ONU, argumentando que só os países que conquistam a confiança dos vizinhos podem aspirar a um papel importante nos assuntos internacionais.

A educação dita “distorcida” dos factos não é uma situação global. Por exemplo, a Prof. Sasaki ensina as duas versões, a da China e a do Japão, relativamente ao massacre de Nanking. Na mesma aula aprende-se que há quem diga que houve 300 000 mortos mas que também há quem diga que não houve nenhum; os manuais tanto contam que os japoneses manipulam certos acontecimentos, como — no mesmo capítulo — o

expansionismo nipónico na Ásia é descrito como uma expulsão de forças imperiais europeias.

Obviamente que a China também não é o professor de História mais credível. Onde era acusada de ser uma ameaça pelos outros países, a China aparece nos seus livros como vítima de falácia<sup>18</sup> e qualquer argumento apresentado é tido como “não-objectivo”. Na sua versão da História não há qualquer verdade positiva sobre o Japão e chegam mesmo a ignorar pedidos de desculpa pelos sofrimentos de guerra causados e apresentados dezenas de vezes. Federico Rampini faz uma comparação interessante sobre esta situação: “Esperariam um pedido de joelhos como aconteceu com o falecido chanceler Willy Brandt, que se ajoelhou nos campos de concentração da Polónia?” (Rampini 2005: 315). Ao contrário, em vez de se ajoelhar, Junichiro Koizumi visita o templo Yasukuni onde são venerados alguns criminosos de guerra. É claro que houve quem não concordasse com os pedidos de desculpa, como por exemplo o governador Ishihara<sup>19</sup>: “Vergonha aos governos que venderam o nosso passado. Aquelas desculpas são um insulto imperdoável para a História do Japão” (Rampini 2005: 315).

Os japoneses, por seu lado, falham ao tentar perceber o porquê de ser errado visitar esse templo. Takashina Shuji, professor universitário, tenta explicar: “No templo Yasukuni não se encontram os restos físicos dos mortos, presta-se homenagem somente à sua ideia. E na visão tradicional japonesa os mortos perdem a sua individualidade, fundem-se num único espírito colectivo dos antepassados” (Rampini 2005: 319).

Existe um Museu da Guerra a poucas dezenas de metros do templo Yasukuni. A exposição deste museu é uma verdadeira narrativa: logo na entrada do templo, está em exibição um autêntico caça *Zerosen*, um avião do ataque a Pearl Harbor. Ao longo da visita a este museu existem indicações, como placas com informação, que explicam que algumas das medidas de guerra tomadas (como por exemplo na sala dedicada à história da Coreia) foram medidas de segurança e, por isso, os outros foram neutralizados (leia-se “invadidos”).

Apesar da propaganda incentivada pelo governo, para que a narrativa histórica contada pela China esteja presente na mente de cada cidadão chinês, houve um período em que se pararam de publicar livros de história sobre a humilhação nacional. Essas publicações voltaram a aparecer depois do massacre de Tiananmen em 1989<sup>20</sup>. As razões por detrás desta acção poderão ter sido, hipoteticamente, para desviar a atenção do novo episódio, pois afinal ainda hoje estamos a ver notícias sobre este assunto. O



facto de actualmente este assunto ser de alta sensibilidade na China sustenta esta teoria pessoal. No dia 4 de Junho de 2012, foi publicado um artigo na página oficial da BBC News, pela repórter Katia Moskvitch, com o título “China bane resultados da pesquisa na Web relacionados com a praça de Tiananmen”<sup>21</sup>. A discussão do ocorrido em 1989 continua a ser tabu no país—mesmo depois do apelo mundial feito pelos EUA para que os prisioneiros mantidos até hoje sejam libertados e dados a conhecer os números oficiais do massacre— e por isso o governo chinês desactivou na internet (mais propriamente em redes sociais ou no Windows Live Messenger) os ícones expressivos da vela e da chama olímpica para nada ser celebrado e as pessoas não possam, através destes ícones, prestar homenagem aos mortos. As palavras como “neverforget” e “sixfour” (4 de Junho) não apresentam resultados na Web relacionados com o massacre. O discurso em volta deste acontecimento está tão bem consolidado que as pessoas que nasceram pouco depois e que até frequentam universidades nem sabem do acontecimento. O poder do discurso cobre toda a rede Web. Existem os termos conhecidos como “sensíveis” que direccionam o servidor base para o servidor em Hong Kong, para que as pessoas não acedam à informação que a China considera que não deve ser de conhecimento público. Não é só o poder de narrar que é importante; o poder de o proibir é igualmente importante.

Em suma, a forma como são narrados os acontecimentos históricos é a chave para se compreender a identidade, representação e até a relação complexa destas duas sociedades. As graves negações ou acusações como as que já referi ao longo deste trabalho são o epicentro da situação actual destes países, e se não se conseguir chegar a um consenso ou pelo menos a algumas cedências de ambas as partes, sou da opinião que a relação social destes países não melhorará.

### **Representações sino-japonesas**

“As relações eu-outro são mais questões de poder e retórica do que de essência”<sup>22</sup> (Clifford 1988: 14). As representações são um tema de estudo muito importante para se conseguir perceber a identidade, porque a forma como as pessoas vêem o mundo tem efeitos directos sobre a forma como interagem.

Seria errado assumir que não existem relações de amizade entre chineses e japoneses, mas seria ainda pior assumir que a relação destes dois países é amigável. As feridas que permaneceram — e permanecem — abertas explicam muitas tensões que ainda hoje podem piorar os conflitos já existentes e alimentar o rancor nacionalista nunca superado



entre a China e o Japão. A relutância dos japoneses para se confrontarem com o próprio passado e com as causas que desencadearam a guerra gera desacordo entre ambos.

A relação entre a China e o Japão é um paradoxo. Têm uma das mais importantes relações económicas mundiais, mas as suas relações políticas são um plano totalmente diferente. Esta tensão existente verifica-se não só em situações diplomáticas mas também nos movimentos populares chineses.<sup>23</sup> No meu ponto de vista, e depois de uma análise profunda, penso que no centro deste desentendimento estão as guerras que protagonizaram juntos. Por exemplo, na China, a Segunda Guerra Mundial é comumente chamada de “Guerra de Resistência contra o Japão” e a China insiste em publicar muito sobre o massacre de Nanking. Por seu lado, o Japão persiste em desmentir o número de mortos e acredita que algumas fotografias são falsas ou que pelo menos não se passaram no inverno de 1937-8. Existe mesmo um artigo intitulado “There Is Not a Single ‘Real Photograph’ Documenting the Nanking Incident”<sup>24</sup>, cujo autor é Mizoguchi Ikuo. Neste artigo, o autor recorre a factos como a maioria das provas fotográficas ser de fontes desconhecidas para explicar o início da sua pesquisa. Ikuo juntou-se a um grupo de investigadores—entre eles o professor universitário Higashinakano Shudo— para analisarem cerca de 30 000 fotografias e o resultado desta pesquisa levou à publicação de um livro<sup>25</sup>. De forma resumida, o artigo é conduzido de forma a que, depois de analisadas algumas imagens, se conclua que tudo não passou de um esquema montado pelo Partido Nacionalista Chinês como forma de propaganda.

A representação do “outro” está ligada à representação do eu: “A change in the value of the ‘self’ invariably alters the image of the ‘other’ and vice-versa” (Crick 1976:165) e podemos perceber isso muito bem nas representações entre estes dois países, depois do que já expus neste trabalho. Durante a minha pesquisa encontrei informação de que uma equipa formada por chineses e japoneses tentou escrever, informalmente, História juntos, com o livro “*The contemporary and Modern History of Three East Asian Countries: Facing the Future Using History as a Mirror, Building Together a New Framework of Peace and Friendship in East Asia*” (2005). Mas como foi a Esquerda japonesa que o escreveu, o livro não teve muitos fãs. Quando repetiram a experiência, desta feita formalmente, conseguiram escrever até ao Massacre de Nanking. A conclusão a tirar desta experiência não é só que chineses e japoneses não conseguem escrever história juntos, mas também que o que se passou em Nanking pode estar no centro desta discórdia.



As representações que estes dois países fazem um do outro não são positivas. Actualmente, a relação sino-japonesa representa bem o facto da forma como nós nos vemos não ser a forma como os outros nos vêem. Aos olhos dos japoneses nada mudou com o passar das décadas e a China não os consegue perdoar nem esquecer. No livro de Akutagawa Ryunosuke<sup>26</sup> podemos ler uma passagem que ilustra o pensamento inicial:

“Formerly, these oriental people were regarded by the Japanese as the Great masters of civilization; yet now, they were no more than the objects of their derision and hatred”<sup>27</sup>. (Akutagawa Ryunosuke 1924)

De facto, não é uma surpresa o facto dos japoneses outrora se considerarem, e até com um certo orgulho, como discípulos da China. Mas muitos anos passaram e muitas coisas tiveram lugar desde então. No livro publicado em 2000 de Hua, Meng e Hirakawa Sukehiro, podemos fazer a ligação desta teoria para o pensamento presente, onde a China já não tem o mesmo grau de importância para o Japão. Na verdade, a China passou a ser motivo de vergonha e alvo de raiva. É importante mencionar que na leitura deste livro, apesar de se tratar de uma situação isolada, percebemos que o sentimento não era restrito a este autor, mas seria sim um sentimento que reflecte uma percepção geralmente partilhada dos autores da época:

“How dirty they are, those Chinese rickshaw men! And they all look cunning. (...) When they came nearby, I could not help running away from them and hide behind our English friend, Mr. Jones. (...) In the evening I went with Mr. Jones to a restaurant called “Shepherd’s”, where I did not find any yellow-skinned man except some Chinese servants”.  
(Hua, Meng e Hirakawa Sukehiro 2000: 188)

Esta passagem é uma situação real e que expressa o sentimento dos japoneses quando recordam o passado, expressa pelas palavras do autor Akatagawa Ryunosuke. Se dantes eram orgulhosos, depois de vários séculos, é esta a opinião de muitos.

Numa situação ainda mais recente, podemos analisar as representações do Japão por parte da China, que decorreram das tragédias naturais de que o Japão foi vítima. Para as analisar baseio-me num *blog* não académico. Contudo este *blog* é de tal forma conhecido tanto no Japão como na China que a sua administração decidiu



internacionalizá-lo, criando uma parte para os ocidentais e uma área reservada para os asiáticos. No *blog* ChinaSMACK<sup>28</sup> podemos ver claramente o que os chineses pensam dos japoneses:

“Because it’s Japan, I’m so happy” (Essien M)

“Good, excellent!” [sobre uma imagem descritiva da destruição deixada pelo terramoto] (天空白云的彼端)

“Only after going to Japan did I realize that it’s not that Japanese hate China, but rather that Chinese like to curse the Japanese, truly sad.” (露C娅) A este comentário houve uma resposta que oferecia violência e em que acusava o usuário de não saber o que é a vergonha nacional.

“Serves them right, may Japan be destroyed by earthquakes.” (雨滴||划过天空)

Tanto a China como o Japão conseguem por de lado as suas diferenças para manterem boas relações económicas. É realmente uma boa questão do porquê de não fazerem o mesmo nas suas relações sociais. Será mesmo uma questão de não conseguirem ou de não o desejarem realmente? É fácil de compreender e aceitar as representações que ocorreram no passado, mas qual é a vantagem dessas representações se perpetuarem e de serem tão fortes nas crianças, tanto chinesas como japonesas de hoje? Num ponto de vista pessoal, acredito cada vez mais ao longo destas páginas que o “pessioptimismo” que William Callaham defende é de facto conveniente à China. Penso que do lado japonês é mais uma questão de orgulho do que de conveniência.

### **Conclusão**

Para a elaboração deste artigo fiz uma pesquisa extensa e encontrei muita informação sobre a China, mas significativamente menos para o Japão. Este facto diz-me que o Japão é mais reservado nas informações que saem do país e faz-me ponderar sobre se o que li não será então mais uma narrativa fabricada. Se for este realmente o caso, seria interessante comparar as suas reservas à aparente abertura chinesa, se bem que toda a



gente sabe que os resultados do Google aparecem de acordo com a vontade dos governadores.

Ambos os países sofreram alterações desde que começaram a interagir, mas enquanto que a China sofreu grandes alterações, o Japão continua muito fiel ao que sempre foi. Inicialmente estavam ambos contentes com a troca de conhecimento: a língua chinesa está na base da língua japonesa e estes últimos foram considerados discípulos da China. Contudo, ao longo do tempo, a China perdeu a sua influência e passou a ser considerada inferior. Desde então o Japão tem-se mantido de certa forma superior, ganhando guerras e abrindo-se ao ocidente, adquirindo rapidamente grandes conhecimentos científicos e tecnológicos, enquanto que a China se vê nas bocas do mundo, tendo os seus assuntos mais privados em todas as páginas de jornal da América e da Europa. A China passou de uma nação unida para uma nação marcada pelo infortúnio, de um lugar exótico para um lugar a evitar, de um país caracterizado pela paz para o país do “perigo amarelo”<sup>29</sup>.

A China tornou-se, sem qualquer dúvida, um povo etnocêntrico, característica que leva tão seriamente que chega a ser um país xenófobo. Os chineses têm uma memória que lembra a origem da sua História milenar, e independentemente de correcto ou não, guardam consigo todos os acontecimentos históricos e exibem-nos, sem qualquer pudor. Penso que as grandes cicatrizes, deixadas pelas constantes invasões externas, estejam na origem da deslocação de valores. Deixou-se de poder confiar no “outro” e penso que este problema tenha surgido não só a nível de segurança, mas também de identidade, algo que advém de sentimentos positivos e negativos. Sobre a História, os chineses têm duas maneiras distintas de olhar para trás: com orgulho por terem sobrevivido ao “Século da Humilhação” e a tudo o que passaram, mas também se vêem como um povo miserável e pobre, torturado pelos outros países que agora precisam de ajuda. O Japão continua a exhibir a sua mentalidade de superioridade e isso impede que juntos consigam escrever História. Enquanto que o Japão avança no tempo, a China continua presa ao passado. Passam décadas e a relação entre os dois países vizinhos não vê melhorias a nível social ou político. Os jovens de hoje olham para o país vizinho e vêem os soldados e as vítimas de antigamente. Por que outra razão um adolescente desejaria que o Japão fosse aniquilado por terremotos?



## Fontes

- AA. VV. *The contemporary and Modern History of Three East Asian Countries: Facing the Future Using History as a Mirror, Building Together a New Framework of Peace and Friendship in East Asia*. Beijing: Social Sciences Academic Press, 2005. (Edição Chinesa).
- Barker, Chris. *Cultural Studies – Theory and Practice*. London: SAGE Publications, 2000.
- Callahan, William A. *China-The Pessoptimist Nation*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- Clément, Catherine. *Claude Lévi-Strauss*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- Foucault, Michel. *Society Must Be Defended*. New York: Picador, 1975.
- Foucault, Michel. *Discipline and Punish*. Harmondsworth: Penguin, 1979.
- German, Myna & Banèrjee, Padmini. *Migration, Technology and Transculturation: A global perspective*. Missouri, USA: Lindenwood University Press, 2011.
- Giles, Judy & Middleton, Tim. *Studying Culture - A practical introduction*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.
- Hall, Street (ed.). *Representation, Cultural representations and Signifying Practices*. London: SAGE Publications, 2003.
- Hallam, Elizabeth & Street, Brian V. (ed.). *Cultural Encounters – representing ‘otherness’*. Oxon: Routledge, 2000.
- Hua, Meng & Hirakawa Sukehiro (ed.). *The Image of Westerners in Modern Japanese Literature*. Amsterdam, Atlanta: Rodopi, 2000.
- Ikuo, Mizoguchi. “There Is Not a Single ‘Real Photograph’ Documenting the Nanking Incident”. Disponível em: [http://www.sdh-fact.com/CL02\\_1/42\\_S4.pdf](http://www.sdh-fact.com/CL02_1/42_S4.pdf) (Maio de 2012)
- Jandt, Fred Edmund. *An Introduction to intercultural communication: identities in a global community*. London: Sage Publications, 2007.
- Knox, George William. *Imperial Japan: the Country and its People*. London: G. Newnes, limited, 1905.
- Marcus, George E. (ed.). *Rereading Cultural Anthropology*. Durham and London: Duke University Press, 1992.
- Nailu, Jin. *A Hundred Questions on the Chinese Culture*. Beijing Language and Culture University Press: 2005, 2ª ed., versão bilíngue (chinês-inglês).
- Rampini, Federico. *China e Índia – As duas potências emergentes*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.
- Ryunosuke, Akutagawa. *ShinaYūki*. Kaizōsha Publisher, 1924.
- Storey, John. *Cultural Theory and Popular Culture – an introduction*. England: PearsonEducationLimited, 2001.
- XiaoBo, Liu, *Não tenho inimigos, não conheço o ódio*. Alfragide: Casa das Letras, 2011.
- Blog ChinaSMACK*. Disponível em <http://www.chinasmack.com> (Dezembro 2011).



---

## Notas

<sup>1</sup> Alguns exemplos das representações podem ser vistas no livro Marcus, George E. (ed.). *Rereading Cultural Anthropology*. Durham and London: Duke University Press, 1992, pp. 296-316.

<sup>2</sup> Rampini, Federico. *China e Índia – As duas potências emergentes*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.,p.304.

<sup>3</sup> Testemunho de um sobrevivente que preferiu manter anonimato. Extraído do livro: Rampini, Federico. *China e Índia – As duas potências emergentes*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

<sup>4</sup> Apesar de a referência inicial ser de Wang:1996, a informação foi consultada em:Jandt, Fred Edmund. *An Introduction to intercultural communication: identities in a global community*. New York: Sage Publications, 2007, p. 246.

<sup>5</sup> O tema da conferência foi “Dinâmicas Demográficas ao Longo da História: Desenvolvimento Populacional na China num Período de Dois Mil Anos” e decorreu no Auditório Grande do ISCAP pelas 11h15 do dia 2 de Março de 2012 no âmbito do VII Fórum Internacional de Sinologia.

<sup>6</sup> A minha professora de chinês, YuYoung, contou-me uma situação verídica que se passou com a mãe dela. Uma vez perguntaram-lhe se tinha filhos e a mãe de Yu respondeu que sim, tinha duas filhas. A resposta que recebeu foi: “Não tem filhos? Que pena...”.

<sup>7</sup> Os Pan-Han incluem os grupos non-Han que foram assimilados.

<sup>8</sup> Schue, William. “The Discrimination Complex in Our Sub-consciousness”. In *China Digital Times*, 9 de Julho de 2008.

<sup>9</sup> Callahan, William A. *China-The Pessoptimist Nation*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p.144.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Conceito desenvolvido por William A. Callahan na sua obra *China-ThePessoptimistNation*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

<sup>12</sup> Chiang Kai-shek. *China’s Fate*. New York: Roy Publishers, 1947.

<sup>13</sup> Wei Yunhong. “Qianghuaguochiguonanyanjiu he jiaoyu” (Strengthen National Humiliation and National Crisis Research and Education).In *Liaowang* 37, 13 de Setembro de 2004, p.35.

<sup>14</sup>“Interview with Zhang Jigang, deputy Director of Beijing Olympics Opening Ceremony”.In *LiberationDaily*, 1 de Agosto de 2008. Traduzido para *China Digital Times*, a 6 de Agosto de 2008.

<sup>15</sup>Jin Xide. “China Must Adopt a Great-power Mentality, Make Psychological Change Partof its Modernization” in *Beijing huanqiushibao* (12 de Setembro de 2002). Translated in FBIS CPP20020927000153.

<sup>16</sup>O título oficial da publicação em inglês é “Unhappy China”. O título completo é *Zhōngguó bùyǎoxìng: Dàshídài, dàmùbiāojiwǒmen de nèiyōuwàihuàn*. O livro é da autoria de Song Qiang, Huang Jisu, Song Xiaojun, Wang Xiaodong and Liu Yang, e foi publicado em 2009 pela editora PHLCN.

<sup>17</sup> Ver German, Myna & Banèrjee, Padmini. *Migration, Technology and Transculturation: A global perspective*. St. Charles: Lindenwood University Press, 2011, p.117.

<sup>18</sup> Ver, por exemplo, LingDequan. “Hepingjueqi’ gangjumuzhang (Explaining “Peaceful Rise”). In *Liaowang*, Fevereiro de 2004, p.6.

<sup>19</sup>Shintarō Ishihara é, desde 1999, o Governador da província de Tóquio. Ishihara tem um passado curioso. Foi recentemente o alvo dos media pela sua decisão de aceitar uma regulamentação para mangas e anime, mas defendendo que as pessoas que gostam destas artes de cariz sexual têm um DNA deformado. Contudo, em 1955, ele próprio escreveu um romance que envolvia sexo entre menores. O livro chamava-se *Taiyō no Kisetsu*, e chegou a dar origem a um filme.

<sup>20</sup> Dados baseados na documentação disponível na Biblioteca Nacional da China em Beijing.

<sup>21</sup> Tradução própria do título. O artigo original pode ser encontrado em:

<http://www.bbc.com/news/technology-18321548> (Maio de 2012)

<sup>22</sup> Tradução própria.

<sup>23</sup> Por exemplo, em 2003 ocorreram fortes protestos na China, por parte da população e por cibernautas, dado que, no dia em que os chineses celebraram o dia Nacional da Humilhação, vários japoneses contrataram centenas de prostitutas chinesas para uma orgia. O caso chegou a ser levado aos tribunais. Esta informação pode ser consultada no livro: Callahan, William A. *China- The Pessoptimist Nation*. Oxford: Oxford University Press, 2012 e através do site da BBC News:

[http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/12/031217\\_organimp.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/story/2003/12/031217_organimp.shtml) (Maio de 2012)

<sup>24</sup> O artigo pode ser consultado através do link [http://www.sdh-fact.com/CL02\\_1/42\\_S4.pdf](http://www.sdh-fact.com/CL02_1/42_S4.pdf) (Maio de 2012).

<sup>25</sup> Ver Mizoguchi Ikuo, Kobayashi Susumu & Fukunaga Shinjiro. *Analysing the “Photographic Evidence” of Nanking Incident*. Tóquio: Soshisha, 2005.

<sup>26</sup> Ryunosuke, Akutagawa. *Shina Yūki*. Kaizōsha Publisher, 1924.

<sup>27</sup> Hua, Meng & Hirakawa Sukehiro (ed.). *The Image of Westerners in Modern Japanese Literature*. Amsterdam, Atlanta: Rodopi, 2000.

<sup>28</sup> Disponível em <http://www.chinasmack.com> (Dezembro de 2011).

<sup>29</sup> O “perigo amarelo” consistia na crença de que os chineses se iam revoltar contra a Europa e trazer grandes sofrimentos. Há volta de todo este assunto desenvolveram-se teorias de conspiração. Actualmente o “Perigo Amarelo” apenas faz parte da cultura popular como um mito.